

PRIORE, Mary Del. *Beije-me onde o sol não alcança*: uma história de amor no século XIX. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015. 320 p.

*Elaine Cristina Senko**

Mary Del Priore (1952-) nos brinda com a obra intitulada *Beije-me onde o sol não alcança: uma história de amor no século XIX*, recém-publicada (2015), o primeiro romance histórico da autora inspirado em um caso verídico que buscou “reconstruir” ambientes, cenários, diálogos e vocabulários marcados pela experiência histórica do século XIX.

Na apresentação dos personagens principais, a escritora se utiliza do recurso da consciência narrativa colocada em capítulos, muito em prática pelos literatos atualmente. O leitor se aprofunda cada vez mais ao se abrir o íntimo das sensações e das vivências dos personagens. No livro os personagens principais, que vivem no século XIX, são o conde russo Maurice Haritoff, a herdeira de latifúndios de café Nicota Breves e a ex-escrava Regina Angelorum. Esses nomes são reais, retirados de fontes epistolares pesquisadas pela autora e mantidas nessa modalidade na narrativa literária. O contexto de fundo é a transição de uma época escravista e monárquica no Brasil para outra realidade de instauração pela liberdade dos escravos negros, de introdução de trabalho europeu no país e de um regime político republicano. Apesar dessa transformação política, os aspectos sociais agravaram a condição dos ex-escravos, os quais, saídos das grandes fazendas de café, não tinham inserção no mercado de trabalho nas cidades, como no caso do Rio de Janeiro.

Ao mesmo tempo, temos os indicativos do que ocorria no espaço europeu, como o avanço do anarquismo e do socialismo na França

Professora doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Paraná, pesquisadora do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (Nemed) e membro do grupo de pesquisa de História Intelectual da Unioeste MCR (Curitiba e Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil). Principais livros publicados: *Ibn Khaldun: vida e trajetória de um historiador islâmico medieval*, de 2011 (São Paulo: Ixtlan), e *Reflexões sobre a escrita e o sentido da História na Muqaddimah de Ibn Khaldun (1332-1406)*, de 2012 (São Paulo: Ixtlan). Contato: elainesenko@hotmail.com

(com a vivência de Nicota Breves, já esposa de Maurice Haritoff nesse local) e na Rússia (por meio das memórias de Maurice sobre o passado czarista e o presente ameaçado por essas novas ideias em defesa do social). Priore, através do pensamento de Maurice, alude ao ritmo da escravidão na Rússia, mas incluindo a da escravidão negra em solo brasileiro¹. Demonstra que em ambos a violência psicológica, mais ainda do que a física, da escravidão deteriora o ser humano. Pois é a condição de submetido, seja escravo de dentro, de fora ou de ganho, que o indivíduo perde todo o seu poder de inserção e luta social. Ou seja, quando os servos na Rússia czarista não mais se acomodaram com aquela situação de miséria, lutaram por uma modificação que lhes garantisse dignidade humana. É isso que Priore traz também para a discussão, o fato de a liberdade dos escravos ter sido cedida pelo Estado e não surgida entre a grande maioria deles como anseio popular e político. Apesar disso, a autora nos lembra do medo dos fazendeiros pelo ocorrido na Revolta Islâmica dos Malês (1835), em que escravos tentaram lutar por sua liberdade na “ponta da faca”, mas objetivando uma virada social.

Pois bem, é nesse panorama histórico e social que os personagens atravessam mudanças importantes não apenas no Brasil, mas na Europa também. Por ser uma história interligada, demonstra o mérito de Priore, que não apenas colocou em foco as relações internas, mas nos conectou com acontecimentos globais contemporâneos. “O Novo Mundo, meu caro Maurice, agora, se quer novo! Prepara-se!”². Não apenas ao demonstrar a vinda das influências político-filosóficas socialistas ao Brasil, mas por lembrar o quanto da cultura africana está presente em nossa prática cotidiana e como pertencemos a uma história também da América Latina.

A trama dos personagens tem aprofundamento psicológico, principalmente, a de Nicota depois que se casa com Maurice, que nos lembra um retrato da literatura francesa do século XIX, como a Madame Bovary de Flaubert, com seu final trágico. Tal como a seguinte passagem que retrata um pensamento de Nicota:

Fujo. Fecho-me e mergulho em mim mesma. No quarto, sou prisioneira. Nele, a saudade do que deixei é minha doença. Não a do peito. A do coração. Alguém prepara meu banho e ouço a água correr na banheira. Vejo o vapor escapar pela fresta. Meu esposo abre a porta com estrondo e profana meu isolamento. Minha vida secreta se desfaz³.

¹ PRIORE, Mary Del. *Beije-me onde o sol não alcança*: uma história de amor no século XIX. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015. p. 68-70.

² *Ibidem*, p. 99.

³ *Ibidem*, p. 104.

A condição da mulher naquela época é demonstrada por Nicota por meio de seu enclausuramento social, de seus desejos sexuais reprimidos, da intensa atividade de busca por erudição mas de forma anônima, da moda a ser seguida à risca e da força de uma sociedade patriarcal com o desprezo do marido pela mulher; no entanto, também de sua própria ação de controladora das terras, como a dura, batalhadora e poderosa Sinhá. Já a questão da decadência do personagem Maurice revela a transmutação da condição social do europeu situado no Brasil, advindo de sua cultura burguesa dita de vanguarda, mas se envolve no cotidiano que o leva a apostar numa economia cafeeira que logo não daria mais lucros tão exuberantes como no passado, lhe restando apenas a miscigenação dentro de uma nova cultura distante da sua pertença identitária. E Regina, que no início da história foi adotada por Nicota (esta que não conseguia ter filhos de Maurice) por estar numa condição subumana, passa de escrava à amante de seu marido. Concomitantemente, ocorre a libertação dos escravos e Regina, agora uma ex-escrava, tem filhos de Maurice. Este procura, depois da morte de Nicota, viver ao lado dela e dos filhos, todos de nomes russos (Aléxis, Bóris, Iwann). Assim, a autora recria mimeticamente a escritura do contrato nupcial entre Maurice e Regina, documento necessário para regularizar a relação de ambos e da situação dos filhos perante a sociedade. Cito o seguinte trecho: “O outorgante cõnjuge e reciprocamente outorgado legitima e reconhece os filhos que teve da outorgante e reciprocamente outorgada Dona Regina Angelorum de Souza de nomes Aléxis Alexandre com oito anos de idade e Bóris com cinco anos [...]”⁴. O retrato final de Regina é de autora do assassinato de Nicota, e por isso ela também sofrerá o desencontro social dos escravos sob a República, vivendo uma vida difícil como grande parte dos ex-escravos.

O que ganha nossa atenção é que a escritora, acerca do assunto histórico tratado, nos coloca, ao longo de toda a obra, diante da narrativa jornalística produzida por um admirador de Nicota. Essa narrativa, que já aparece desde o início do livro num *flashback*, amarra o conteúdo da trama e demonstra a importância dos homens de alguma erudição na época (muitos de origem mulata, literatos e jornalistas ao mesmo tempo) em transmitir criticamente os fatos. Antes contrário à abolição por conta dos efeitos de desarranjo social no futuro, o jornalista passa a aceitar a liberdade dos escravos quando se vê dentro de um processo histórico imerso em ideias socialistas advindas da Europa. Além disso, Priore se utiliza de uma ambientação da redação jornalística no século XIX.

⁴ Ibidem, p. 287.

Por fim, essa obra de fôlego de Mary Del Priore atende a nossa expectativa de uma escrita que possua imersão literária sem deixar de lado o resgate histórico. A historiadora trabalha com as fontes de informação em seu subtexto, colocando as referências no final do livro para possível consulta. Consideramos a obra salutar tanto como obra literária quanto de estudo por parte dos historiadores, e, além disso, acessível para um grande público interessado pelo tema. A escritora nos faz mergulhar na obra através de um século XIX com suas contradições e novas experiências sociais que transformam o olhar dos seres humanos para a vida.

Recebido em: 3 de novembro de 2015.

Aprovado em: 16 de fevereiro de 2016.